
"EDUCAÇÃO PELA CULTURA"

NO ENSINO REMOTO:

CAMINHOS INCLUSIVOS*

DOI 10.18224/frag.v32i4.13139

DANIELLE VENTURA DE LIMA PINHEIRO**

Resumo: o artigo "Educação pela Cultura no Ensino Remoto: Caminhos inclusivos" trata sobre a realidade de uma instituição escolar da rede municipal de João Pessoa considerando suas especificidades e capacidade de adaptação em meio a um ensino remoto que já dura três anos consecutivos. Para tanto, são descritas as atividades desenvolvidas na execução de atividades do projeto "Educação pela Cultura" em diálogo com os autores da área de educação e também com o aparato legal brasileiro. Além de se pensar a realidade da instituição escolar, suas dificuldades e capacidade de superação, destacaremos o Ensino Religioso como de grande relevância na execução deste projeto levando em consideração a propagação do respeito a diversidade e a valorização das religiões de matriz africana e indígena presentes nas abordagens deste componente curricular.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Cultura afroindígena. Ensino remoto.

O presente artigo tem como objetivo analisar a execução de um projeto voltado para a cultura afroindígena na Escola Municipal de Ensino Fundamental Zulmira de Novais. A referida instituição está há três anos funcionando de forma remota, mas permanece executando atividades lúdicas que envolvem a comunidade escolar.

Dessa forma, em um primeiro momento, apresentaremos como esta unidade escolar tem atuado nos últimos três anos, suas dificuldades e peculiaridades. Assim, traremos um panorama da realidade enfrentada pela comunidade escolar e em quais condições foram executadas o projeto "Educação pela Cultura". Em seguida, as ações desenvolvidas serão descritas em diálogo com o

* Recebido em: 21.12.2022. Aprovado em: 30.12.2022.

** Doutora em Educação pelo PPGE- UFPB (2018). Doutora em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB. Graduada em História pela UFPB (2007) e em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba(2018). Bacharel em Teologia pela Uninter (2019). Vice-líder do grupo de pesquisa FIDELID (CNPQ- UFPB). Vice presidente do Conselho Municipal de Educação de João Pessoa (2021-2023). Gestora pedagógica da Escola Municipal Zulmira de Novais onde atuou como professora de História da rede municipal de João Pessoa durante três anos. *E-mail:* daniellyventura@hotmail.com

aparato legal e os autores da área. Por fim, pensaremos o lugar específico do Ensino Religioso neste projeto e suas contribuições na sua execução, refletindo sobre as suas potencialidades e possibilidades de propagar o respeito a diversidade religiosa.

A abordagem aqui proposta se faz relevante, pois permite que haja uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas no ensino remoto e que se conheça caminhos inclusivos capazes de trazer uma abordagem pautada no respeito a diversidade cultural.

ZULMIRA DE NOVAIS: QUE ESCOLA É ESSA?

O município de João Pessoa tem aproximadamente 800.015 habitantes, segundo dados do IBGE (2018). Oitenta e duas escolas atendem ao ensino fundamental, cinquenta e seis dessas escolas atendem a modalidade EJA. Há, ainda, na rede municipal da capital paraibana, dezessete (17) escolas totalmente integrais e dez (10) escolas parcialmente integrais. A Escola Zulmira de Novais está localizada no Bairro de Cruz das Armas e atende a aproximadamente 600 estudantes. Antes da pandemia a instituição atendia mais de setecentos estudantes e enfrentava problemas estruturais evidentes. Referência no bairro, a instituição acolhe gerações de alunos cujos pais e avós ali estudaram e acreditam na qualidade do seu ensino. Em março de 2020 foram criados grupos de *whatsapp* com todos os alunos, os professores, as gestoras e as especialistas da instituição escolar para facilitar a comunicação diante do contexto de isolamento provocado pela pandemia. Contudo, cerca de 100 (cem) famílias só dispunham de um único celular o que gerou grandes dificuldades e evasão. Buscando amenizar a situação, imprimiu-se atividades escolares quinzenalmente para que os estudantes conseguissem estudar de forma autônoma devolvendo as atividades para correção dos professores.

Essa situação de isolamento social se deu a princípio pela pandemia e ausência de descoberta de vacina. Entre os meses de maio e julho de 2021, os professores e funcionários desta instituição escolar foram vacinados com a primeira dose em sua totalidade e se depararam em outubro de 2021 com o novo desafio da reforma.

A Escola estava precisando de reparos e de uma estrutura adequada para receber os discentes. Ao final da reforma, contará com toda uma renovação na sua parte estrutural, foi criado playground na sua área externa e foi reestruturada a sala de Atendimento Educacional Especializado destinado as pessoas com deficiência (PCD). O ginásio escolar também passou por uma grande melhoria, parte do seu teto tinha desabado em 2019, o piso foi reestruturado, as paredes devidamente pintadas.

Os estudantes da referida instituição têm se evadido da escola por não mais estarem se adequando ao modelo remoto. Mesmo assim, para amenizar a situação, tem-se buscado realizar reforço escolar, a fim de garantir o retorno gradual dos alunos que estão em uma situação de defasagem. A Secretaria de Educação, no mês de março de 2022, destinou tablets para os estudantes dos anos finais priorizando as escolas que estão trabalhando remotamente. Alguns projetos como “*Educação pela cultura*” mobilizaram a comunidade e os professores garantindo uma reaproximação e diálogo com as famílias. A busca ativa em parceria com o Conselho Tutelar Região Sul também tem ajudado a pressionar as famílias para garantir que os discentes voltassem aos grupos de *whatsapp* e/ou participassem dos grupos de reforço da Escola, em dias específicos, de forma sistemática e organizada.

O PROJETO “EDUCAÇÃO PELA CULTURA”: UM RELATO DE CAMPO

A partir da implementação da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, o ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” se faz obrigatório nos estabelecimentos de ensino

públicos e privados. Esta lei tem por objetivo difundir as culturas negra e indígena no âmbito da formação da sociedade brasileira e com isso contribui para o entendimento e a compreensão do preconceito e da segregação étnico-racial existente ainda no Brasil. Sobre tal execução observa-se que:

É contraditório o descaminho entre o que preconiza a legislação vigente e a execução das políticas públicas relacionadas às questões étnico-raciais. Mesmo quando a lei é enfática, na prática seus efeitos são tímidos ou quase inexistentes, devido a interesses divergentes, de setores e instâncias sociais diferentes (MEDEIROS, 2018, p. 75).

Pensando nestas dificuldades de execução daquilo que está posto na lei pode-se considerar essa abordagem como inovadora para as Escolas. A Escola, a partir deste projeto, consegue contribuir com a sociedade como um todo ao debater sobre racismo e pensar em pautas inclusivas chamando a atenção para a possibilidade de se conseguir uma sociedade mais justa e equânime. Para os estudiosos da área são desafios para as sociedades contemporâneas do século XXI:

[...] o enfrentamento à história e condição social de racismo e de sentidos e atualizações em torno das relações étnico-raciais. No Brasil, o processo de colonização, a diáspora africana, a experiências da escravidão e suas violentas consequências constituem um cenário de emergência histórica (SILVA, 2021, p. 1).

Em parceria com o Instituto Alparagatas, dezenove escolas da rede municipal de ensino de João Pessoa desenvolveu o projeto “Educação pela Cultura”, que teve como objetivo a aplicação da Lei nº 11.645. Vale destacar que a temática afroindígena está presente no aparato legal brasileiro e consiste tanto em leis nacionais (lei 10639/2003 e lei 1475/2008) como também em pautas locais, uma vez que se tem a Resolução do Conselho Municipal de Educação de João Pessoa de 5 de julho de 2022 implementa a educação das relações étnico-raciais e cultura afro-brasileira, africana e afroparaibana pelo Sistema Municipal de Ensino. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Zulmira de Novais esse projeto foi trabalhado de forma interdisciplinar em que componentes curriculares trabalharam em conjunto abordando temas como culinária, religiosidade, identidade e pintura corporal.

O projeto em questão contou com o envolvimento de todos os docentes e especialistas da Escola para que se pensasse e executassem ações voltadas para a propagação do conhecimento da cultura afroindígena.

Em 2019, teve-se a oportunidade de fazer ações intensas sobre a cultura afroindígena que contou com uma gincana interdisciplinar. Entre os anos de 2020 a 2022 o modelo remoto foi a solução encontrada para garantir a permanência das atividades escolares devido à pandemia de Covid-19 e estende-se ainda devido a uma grande reforma pela qual a Escola vem passando. Neste período foram realizadas ações pontuais voltadas para este tema com lives nas sextas-feiras e diversos projetos interdisciplinares que demos o nome de “Sextou”.

Dentre os projetos que estão incluídos no “Sextou” estão o projeto “Ciclo de Profissões” para estimular os estudantes a pensarem no futuro profissional com diversos profissionais convidados a debater com os estudantes, o projeto “Saúde Mental” que tem sido conduzido pela psicóloga e professores de Educação Física e Ensino Religioso e que teve parceria com o “Acolhimento Afroindígena” contando com o apoio do Ateliê do artista visual Elioenaí Gomes (parceria esta iniciada já no ano de 2019), o projeto “Minha Escola, meu bairro” que conta com professores de História e

Geografia e o projeto “De conto em conto um cordel fica pronto” que contou com o apoio de todos os professores de Língua Portuguesa, da professora de História e um professor de Artes.

Quando a instituição foi convidada para executar o projeto “Educação pela Cultura” pensou-se a princípio em envolver cada projeto já existente na Escola e acrescentar nas atividades, já em pleno desenvolvimento, a temática afroindígena e afroparaibana, mas, para além disso, provocou-se os professores a reflexão sobre como cada componente curricular poderia contribuir e pensar nesta temática de forma dinâmica e lúdica adequando-se as habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (2017).

A reflexão em grupo levou a uma potente reflexão que conseguiu envolver toda escola na construção deste projeto. A execução deste projeto trouxe bons frutos para o estudante que tem sido prejudicado pela ausência de um ensino presencial e um contato direto com os professores.

As atividades desenvolvidas no projeto sobre Cultura afroindígena envolveu alunos do 1º ao 9º ano de forma dinâmica e alegre. No 1º e 2º ano, as professoras investiram na produção de instrumentos musicais com material reciclado e na aprendizagem das brincadeiras de forma lúdica e musical. No 3º e 4º ano foram ensinados chás de origem indígena e os estudantes apresentaram durante a culminância do nosso projeto. Foi interessante a forma como se conseguiu envolver as duas turmas em conhecimentos culturais que são próximos de sua realidade. Nos quintos anos os professores trabalharam com o tema do sincretismo, tolerância religiosa, aldeia indígena e cultura africana sem deixar de abordar sobre os jogos e as artes. Houve, portanto, o envolvimento das professoras polivalentes, do professor de Artes, de Educação física e de Ensino Religioso.

Os professores de Artes convidaram os estudantes de 6º ao 9º anos que gostam de desenhar para fazer desenhos voltados para o tema cultura afroindígena. Esses desenhos foram emoldurados e expostos durante a Culminância.

Os professores de Língua Portuguesa trabalharam o gênero receita nas turmas e durante a Culminância foram feitas algumas degustações de comidas da cultura africana à exemplo da tapioca. Os professores de História trabalharam com o estudo da cultura afroindígena, afroparaibana, escravidão e o preconceito. Foi realizada uma apresentação musical com os estudantes valorizando a musicalidade africana.

Os professores de Geografia, Ciências e Matemática se voltaram para as pinturas corporais e esta atividade foi considerada aqui como de destaque e, portanto, dedicamos um subitem para descrevê-la.

O tema Pintura Corporal, foi abordado pelos componentes curriculares de Ciências, Matemática e Geografia. Por meio de aulas expositivas/dialogadas o tema foi introduzido aos alunos, apresentando conceitos inerente ao tema. Em Ciências, o Objeto de Conhecimento foi “Misturas homogêneas e heterogêneas”. Durante os encontros com alunos explicou-se que a partir da mistura de substâncias encontradas na natureza, como por exemplo o urucum, os indígenas obtêm as tintas utilizadas na pintura corporal. Foi proposto aos alunos uma atividade onde eles desenharem a silhueta das mãos e realizassem pinturas nelas como as pinturas no corpo, como pode ser visto na Figura 1.

Além das aulas expositivas dialogadas, foi realizado visitação à uma aldeia indígena, onde foi realizado palestras sobre pinturas corporais além de trilha e rituais com dança e cantos indígenas (Toré).

Na culminância do evento, durante a oficina proposta pelos componentes curriculares, foi explicado ao público como era obtido a tinta vermelha utilizada pelos indígenas, além da sua importância na comunicação e até mesmo proteção contra raios solares. Após a explicação, os alunos participaram de um momento onde foram pintados no rosto.

Destacamos aqui a parceria com o Ateliê de Elioenai Gomes a partir do projeto “Acolhimento Afroindígena” que se somou à Culminância contando com a presença do artista visual Elioenai Gomes e da professora de dança afro Luciana Peixoto.

Na primeira etapa desta atividade foi realizada uma vivência acolhedora com dez professores da nossa Escola com Tutu Carvalho no Ateliê de Elioenai Gomes e pudemos refletir sobre a ancestralidade e o respeito à identidade. Em um segundo momento, dez estudantes foram até o Ateliê e fizeram uma obra de arte.

O terceiro momento se deu justamente na culminância e, além de entregar a obra de arte feita pelos estudantes em parceria com Elioenai Gomes, tivemos uma sessão de contação de história voltada para a cultura africana e também a oportunidade de assistir a coreógrafa Luciana Peixoto dançando um ijexá.

A visita a Baía da Traição com estudantes dos anos iniciais foi uma experiência marcante deste Projeto, pois tivemos a oportunidade de adentrar uma das trinta e uma (31) aldeias sob a supervisão do indígena Iaguara que contou um pouco da história local, do cotidiano do grupo, ressaltou sobre a dizimação de sua cultura, o preconceito, os estereótipos sobre os indígenas e nos encaminhou para uma oca em que tivemos a oportunidade de ser pintados e colocar vestimentas para fazer algumas fotografias. Participaram deste momento, além dos estudantes, as gestoras, as especialistas e os professores de Matemática, Ciências, História e polivalente.

Em seguida, foram encaminhados para a trilha do silêncio e adentramos o local descalços e concentrados. Na ocasião, Iaguara fez o ritual do toré cantando o pai nosso em tupi e cantigas voltadas para os seus ancestrais. O indígena preparou um banho especial com alecrim e eucalipto e tivemos a oportunidade de molharmos o rosto, os braços e as pernas.

Para a Escola essa foi uma experiência marcante não só por oportunizar mais conhecimentos e vivências para a comunidade escolar, mas também por ter passado três anos trabalhando de forma remota e, assim, sem oportunidades de trazer atividades dinâmicas como estas para o nosso alunado. Igualmente, importante foi a brincadeira Teca-teca conduzida pelo professor de História, pois conseguiu apresentar com dinamismo um dos elementos da cultura afroindígena. A dança “Consciência Negra” também foi algo marcante por também não estarmos mais tendo ensaios do corpo coreográfico desta instituição escolar por três anos correspondentes ao período de pandemia e de reforma e é, por isso, que foi considerada como experiência de destaque.

O LUGAR DO ENSINO RELIGIOSO NO PROJETO “EDUCAÇÃO PELA CULTURA” E SUAS CONTRIBUIÇÕES

O Ensino Religioso tem lugar de destaque neste projeto, uma vez que possibilita que se trate diretamente sobre temáticas que vem sido evitadas no decorrer de sua execução. É possível se pensar, portanto, nas temáticas do sincretismo religioso, do candomblé e da jurema.

De forma lúdica, o professor de Ensino Religioso expôs sobre o orixá Iemanjá e Nossa Senhora da Conceição observando o sincretismo local. Também foram solicitados que os alunos desenhassem os Orixás femininos e que refletissem sobre as lideranças presentes na cultura indígena e na cultura africana.

Essas abordagens viabilizam um ensino inclusivo em que o estudante oriundo dos cultos afro ou juremeiros se sintam livres para expressar sua fé que foi contemplada no discurso do docente. Concomitantemente, permite que o estudante de outra religião reflita sobre as similaridades da sua religião com as discriminadas e não veja sentido para demonizar a fé alheia.

Não se pode pensar um Ensino Religioso levando em consideração apenas o que uma suposta maioria professa¹, pois há estudantes de religiões consideradas como sendo de minoria que preferem não expressar sua fé por medo da discriminação. Da mesma forma, o Brasil é um país laico e plural e seu aparato legal² pensa o Ensino Religioso contemplando a diversidade religiosa.

Com isso, fica explícito que o lugar do Ensino Religioso é o do respeito a diversidade religiosa, o da inclusão dos estudantes de religião de minoria no debate em sala de aula e também em uma reflexão pautada na cultura de paz que traga para todos o respeito às diferenças em sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Zulmira de Novais vivenciou uma situação atípica, ou seja, o prolongamento de um ensino remoto pós pandemia. Os prejuízos desta situação serão computados apenas a longo prazo com o retorno das aulas presenciais. Contudo, o desenvolvimento do projeto “Educação pela Cultura” contou com o envolvimento de toda comunidade escolar e gerou reflexões profundas que dinamizaram a rotina da unidade escolar.

Pensar esta realidade leva ao/à leitor (a) a refletir sobre o ensino na atualidade, seus desafios, dificuldades e potencialidades. É possível ainda observar o lugar do Ensino Religioso em um projeto como este, pois é capaz de contemplar com profundidade o respeito as religiões de matriz africana e indígena.

Enfim, foi possível refletir aqui sobre o campo, a execução de um projeto interdisciplinar e o lugar do Ensino Religioso neste projeto com todo seu diferencial e a sua capacidade de dinamizar a realidade escolar.

“EDUCATION THROUGH CULTURE” IN REMOTE EDUCATION: INCLUSIVE PATHS

Abstract: the article “Education through Culture in Remote Teaching: Inclusive Paths” deals with the reality of a school institution in the municipal network of João Pessoa, considering its specificities and adaptability in the midst of remote teaching that has lasted for three consecutive years. To this end, the activities developed in the execution of activities of the project “Education for Culture” are described in dialogue with authors in the area of education and also with the Brazilian legal apparatus. In addition to thinking about the reality of the school institution, its difficulties and ability to overcome it, we will highlight Religious Education as of great relevance in the execution of this project, taking into account the propagation of respect for diversity and the appreciation of African and indigenous religions present in the schools. approaches of this curricular component.

Keywords: Religious Education. Afroindigenous culture. Remote teaching.

Notas

- 1 São exemplos de trabalhos acadêmicos que abordam esta temática: Brasileiro (2010), Nascimento (2016), Coelho (2009), Brandenburg (2017).
- 2 Pode-se citar como aparato legal principal que se volta para esta abordagem: a LDB /96, a CF /88, os PCNER (1997), a BNCC (2017) e as DCN's (2018). O aparato legal é abordado pelos textos de: Junqueira (2007); Silva e Guedes (2018) e Pinheiro e Holmes (2018), Bonamino (2002), Brzezinski (2018).

Referências

- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [568http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 10 dez. 2018.

- BONAMINO, Alicia; MARTÍNEZ, Silvia Alícia. Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental: a participação das instâncias políticas do estado. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 80, p. 368-385, set. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n80/12937>. Acesso em: 14 jun. 2020.
- BRASILEIRO, Marislei de Sousa Espíndula. *Ensino religioso na escola: o papel das Ciências das Religiões*. Tese (Doutorado em Ciências das Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PPGR, Goiânia, Goiás, 2010.
- BRANDENBURG, Laude. Admissão e habilitação de professor e professora. In: BRANDENBURG, Laude; KLEIN, Remi. *Compêndio do Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.
- BRZEZINSKI, Iria (org.). *LDB/1996 vinte anos depois: projetos educacionais em disputa*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- COELHO, Maria Efigênia Daltro. *Educação e religião como elementos culturais para a superação da intolerância religiosa: integração e relação na compreensão do ensino religioso*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - São Leopoldo: EST/PPG, 2009.
- FONAPER. *Parâmetro Curricular de Ensino Religioso*. São Paulo: Ave Maria, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo et al. *Ensino Religioso: aspectos legal e curricular*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- JOÃO PESSOA. Conselho Municipal de. *Resolução 02/2022*. Implementa a educação das relações étnico-raciais e o ensino da temática de História e Cultura Afro-brasileira. Africana e afroparaibana no Sistema Municipal de Ensino. 6 jul. 2022.
- SILVA, Adriano Gonçalves da; CHAVES, Elisângela; SOARES, Khellen Cristina Pires Correia; DORES, Lucilene Alencar das; TAVARES, Marie Luce. Relações Étnico-Raciais e Lazer. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, v. 24, n. 4, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37660>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- MEDEIROS, Maria Sônia Quinino de; ALMEIDA, Paulo Robson Gonçalves Loiola; SOUSA, Fabiana Martins de; SOUZA, Denes Viana de. Experiência de ensino em história e cultura afroindígena nas escolas da CREDE 15 – Inhamuns, *Revista Docentes*, v. 3, n. 7, p. 72-87, 2018.
- NASCIMENTO, Fernanda Santos. *Diversidade Religiosa e Ensino Religioso: Relações possíveis? Um olhar a partir de alunos e professores de escolas municipais de João Pessoa/PB*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - João Pessoa, UFPB/PPGCR, 2016.
- PINHEIRO, Danielle Ventura de Lima; HOLMES, Maria José Torres. O Ensino Religioso no debate atual: trajetórias, conceitos e propostas. Dossiê Educação e Religião. *Religare*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 48-74, ago. 2018.
- SILVA, Marinilson Barbosa; GUEDES, Thiago R. S. de Sousa. Estágio Supervisionado: uma perspectiva acerca das contribuições técnicas, legais e pedagógicas para a formação do professor de Ensino Religioso. Dossiê Educação e Religião. *Religare*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 174-196, ago. 2018.